Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 28 de Fevereiro a terça-feira, 4 de Março de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.718

2° CADERNO

EDIÇÃO ESPECIAL DE CARNAVAL



Viradouro no desfile que lhe garantiu o título do Carnaval 2024 com o enredo 'Arroboboi, Dangbé', que celebra a força das mulheres negras

Vem aí o maior espetáculo da Terra

De domingo a terça as 12 escolas do Grupo Especial se apresentam no Sambóromo

APRESENTAÇÃO

Marco Terranova/Riotur



Ala das baianas da Unidos do Viradouro no desfile campeão do carnaval 2024

O Brasil que se vê na avenida

Por **AFFONSO NUNES** (textos e edição) e **RICARDO GOMES** (projeto gráfico)

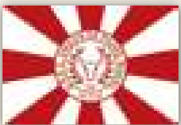
O céu do Rio de Janeiro, que completa mais um ano neste sábado, se enfeita de estrelas, mas neste fim de semana são as da Sapucaí que brilham mais forte. Sob um mar de confetes e fantasias deslumbrantes, as escolas de samba do Grupo Especial transformam o carnaval em cor, ritmo, poesia e movimento.

Na cadência do surdo, cada agremiação risca o asfalto com sua própria história, bordada em lantejoulas e embalada por vozes que entoam sambas que se imortalizam na memória do povo. Mas não é só brilho e magia. O que dá essa grandeza ao carnaval carioca é a capacidade que cada escolas tem de apresentar o Brasil em toda sua diversidade. Entre alegorias monumentais e alas coreografadas, ressoam os tambores que ecoam a herança africana e se misturam às vozes que reverenciam os povos originários. A cultura afrobrasileira pulsa forte nos enredos, exaltando os orixás, os griôs e a resistência que molda a identidade nacional. Ao mesmo tempo, os ritos, mitos e saberes indígenas emergem como fios essenciais dessa tapeçaria de cores e sons.

Que venham esse filhos de Xangô, de Iansã e de Tupi contar histórias como ninguém e fazer o povo se ver na avenida, pois a força desse espetáculo tem a comunidade como razão de existir. Aqui, na Passarela do Samba, o Brasil canta sua própria história!

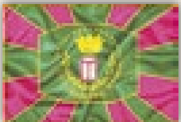
ÍNDICE

Desfiles DOMINGO

3 

4 

6 

7 

Desfiles SEGUNDA

8 

9 

10 

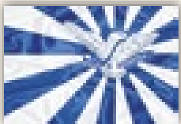
11 

Desfiles TERÇA

12 

13 

14 

15 

DOMINGO

02|03

UNIDOS DE PADRE MIGUEL



22h

Tânia Rêgo/Agência Brasil



O enredo da Padre Miguel evoca o mais antigo terreiro de candomblé em atividade no país

Com a benção de Iya Nassô

Escola conta a saga da sacerdotisa que fundou no século XIX o Terreiro da Casa Branca

A Unidos de Padre Miguel, uma das escolas de samba mais tradicionais da Zona Oeste, faz seu retorno ao Grupo Especial do Carnaval com um enredo que promete emocionar e enaltecer a cultura afro-brasileira. Sob o tema "Egbé Iya Nassô – A Saga de uma Mãe de Santo e a Fundação do Terreiro da Casa Branca", a escola vermelha e branco mergulha na história de Iyá Nassô, uma das figuras mais importantes do candomblé no Brasil, e na fundação do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, o mais antigo terreiro de candomblé em atividade no país. O samba de

Sacerdotisa iorubá que chegou ao Brasil como escravizada, Iyá Nassô se tornou uma das líderes religiosas mais influentes do século XIX. Junto com outras mulheres negras, ela fundou o Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador, Bahia, um espaço de resistência espiritual e cultural que se mantém vivo até os dias atuais.

Desenvolvido pelos carnavalescos Lucas Milato, já conhecido pelo trabalho na agremiação, e Alexandre Louzada, que chega à escola para este desfile, o enredo celebra a força, a sabedoria e a espiritualidade de Iyá Nassô, destacando sua importância na preservação das tradições africanas e na formação da identidade afro-brasileira. A narrativa também aborda a luta contra a intolerância religiosa e a importância dos terreiros como espaços de acolhimento e resistência.

O abre-alas da escola representando a travessia de Iyá Nassô e outros africanos escravizados para o Brasil. Esculturas de navios negreiros, correntes quebradas e símbolos religiosos do candomblé ganharão vida em meio a efeitos visuais que remetem à dor, à fé e à esperança. A comissão de frente trará uma dança inspirada nos rituais de candomblé, com movimentos que simbolizam a conexão entre o sagrado e o terreno.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Lenílson Leal
Fundação: 1957
Enredo: Egbé Iya Nassô - A saga de Uma Mãe de Santo e a Fundação do Terreiro de Casa Branca
Carnavalescos: Lucas Milano e Alexandre Louzada
Intérprete: Bruno Ribas

O SAMBA-ENREDO

Awurê Obá kaô! Awurê Obá kaô!
Vila Vintém é terra de macumbeiro!
No meu Egbé governado por mulher
Iyá Nassô é rainha do candomblé!

Eiêô! Kaô kabesilê Babá Obá!
Couraça de fogo no orô do velho ajapá
A raça do povo do Alafin, e arde em mim
Rubro ventre de Oyó
Na escuridão nunca andarei só
Vovó dizia: Sangue de preto é mais forte que a travessia!
Saudade que invade!
Foi maré em tempestade
Sopra a ancestralidade no mar (ê rainha)
Preceito é herança sem martírio
Airá guarda seus filhos no ilê da Barroquinha

É a semente que a fé germinou, Iyá Adetá
O fruto que o axé cultivou, Iyá Akalá
Iyá Nassô, ê Babá Assika
Iyá Nassô, ê Babá Assika

Vou voltar mainha, eu vou
Vou voltar mainha, chore não
Que lá na Bahia
Xangô fez revolução

Oxê, a defesa da alma na palma da mão
No clã de Obatossi
Há bravura de Oxóssi no meu panteão
É d'Oxum o acalanto que guarda o otá
Do velho engenho, xirê que mantenho no meu caminhar
Toca o adarrum que meu orixá responde
Olorum, guia o boi vermelho seja onde for
Gira saia aiabá, traz as águas de Oxalá
Justiça de Ogodô, tambor guerreiro firma o alujá

DOMINGO

02|03

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE



entre 23h30 e 23h40

Uma saudação ao senhor de toda a sabedoria

Escola de Ramos celebra Oxalá através da água como elemento purificador

Nelson Malfacini/Divulgação



Após uma década, a Imperatriz retoma uma temática ligada à mitologia dos orixás

Atual vice-campeã do Carnaval, a Imperatriz Leopoldinense leva à Marquês de Sapucaí um enredo que mergulha nas raízes da cultura afrobrasileira. Sob o tema "Ómi Tútu Ao Olúfon – Água Fresca para o Senhor de Ifón", a escola de Ramos retoma, após quase meia década, uma temática ligada à mitologia dos orixás, celebrando a espiritualidade, a ancestralidade e a riqueza das tradições africanas.

Olúfon é um dos muitos títulos de Oxalá, o orixá maior da mitologia iorubá, associado à criação, à pureza e à sabedoria. A expressão "Ómi Tútu Ao Olúfon" significa "água fresca para o senhor de Ifón", uma oferenda simbólica que representa respeito, devoção e renovação. A narrativa do desfile explorará a relação entre os seres humanos e o sagrado, destacando a importância da água como elemento purificador e vital, tanto no plano físico quanto no espiritual.

Desenvolvido pelo premiado carnavalesco Leandro Vieira, o enredo promete uma abordagem poética e visualmente impactante, com destaque para a mitologia dos orixás e as tradições do candomblé. A escola, conhecida por seus desfiles grandiosos e temáticas profundas, busca não apenas contar uma história, mas também transmitir uma mensagem de respeito e reverência às raízes africanas que formam a base da cultura brasileira.

O abre-alas da Imperatriz representa a criação do mundo segundo a mitologia iorubá, com destaque para o papel de Oxalá como criador e organizador do universo. Gigantescas esculturas de orixás, símbolos sagrados e elementos da natureza, como rios e cachoeiras, ganharão vida em meio a efeitos visuais que remetem à espiritualidade e à conexão com o divino.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Catia Drumond
Fundação: 1956
Enredo: Ómi Tútu Ao Olúfon – Água Fresca para o Senhor de Ifón
Carnavalesco: Leandro Vieira
Intérprete: Pitty de Menezes

O SAMBA-ENREDO

Vai começar o itan de Oxalá
Segue o cortejo funfun pro senhor de Ifón, Babá

Orinxalá, destina seu caminhar
Ao reino do quarto Alafin de Oyó
Alá, majestoso em branco marfim
Consulta o ifá e assim
No odú, o presságio cruel
Negando a palavra do babalaô
Soberano em seu trono, o senhor
Vê o doce se tornar o fel

Ofereça pra Exú... um ebó pra proteger
Penitência de Exú, não se deixa arrefecer
Ele rompe o silêncio com a sua gargalhada
É cancela fechada, é o fardo de dever

Mas o dono do caminho não abranda
Foi vinho de palma, dendê e carvão
Sabão da costa pra lavar demanda
E a montaria te leva à prisão
O povo adoeceu, tristeza perdurou
Nos sete anos de solidão

Justiça maior é de meu pai Xangô
Traz água fresca pra justiça verdadeira
(meu pai Xangô mora no alto da pedreira)

Preceito nagô a purificar
Desata o nó que ninguém pode amarrar
Transborda axé no ibá e na quartinha
Pra firmar tem acaçá, ebô e ladainha

Oní sáà wúre! Awure awure!
Quem governa esse terreiro ostenta seu adê
Ijexá ao pai de todos os oris
Rufam atabaques da Imperatriz

BAILE DE MÁSCARAS DE CARNAVAL

JARDIM TROPICAL

ENTRE FLORES E FANTASIAS, O PARAÍSO É REAL

SHOW EXCLUSIVO

IZA



07/MARÇO
ÀS 22H

FAIRMONT RIO

Av. Atlântica, 4240 - Copacabana - RJ

 +55 21 2525.1232

 copacabana.reservations@fairmont.com

SAIBA MAIS



REALIZAÇÃO

Fairmont
RIO DE JANEIRO COPACABANA

PRODUÇÃO

CAMAROTE
ARPOADOR

DOMINGO 02|03

UNIDOS DO VIRADOURO



entre 0h50 e 1h10

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Malunguinho foi o líder da resistência no quilombo de Catucá, que reunia pretos e índios

Uma ode à resistência afro-indígena

Agremiação de Niterói evoca a força da entidade Malunguinho

Campeã do último carnaval, a Unidos do Viradouro aposta na resistência afro-indígena para chegar ao bicampeonato. Com o enredo "Malunguinho: O Mensageiro de Três Mundos", a escola de Niterói apresenta a história de João Batista, conhecido como Malunguinho, uma entidade que se manifesta como Caboclo, Mestre ou Exu/Trunqueiro, que se tornou símbolo de luta e liberdade no quilombo do Catucá, em Pernambuco, no século XIX.

Líder do quilombo do Catucá, Malunguinho se tornou figura mítica e espiritual, representando a fusão das culturas africana e indígena. Desenvolvido pelo carnavalesco Tarcísio Zanon, o tema retrata a trajetória da entidade como um mensageiro que transita entre três mundos: o físico, o espiritual e o mítico. A narrativa do desfile aborda sua luta pela liberdade, sua perseguição implacável pelas autoridades da época e sua transformação em uma entidade reverenciada até os dias atuais.

O enredo também celebra a resistência do quilombo do Catucá, um dos principais focos de luta contra a escravidão no Nordeste do Brasil. A escola promete uma abordagem rica em simbolismo, destacando a espiritualidade, a ancestralidade e a força daqueles que lutaram pela liberdade.

O abre-alas da apresenta quilombo do Catucá, com suas palhoças, matas e a resistência de seu povo.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Hélio Nunes
Fundação: 1946
Enredo: Malunguinho: O Mensageiro de Três Mundos
Carnavalesco: Tarcísio Zanon
Intérprete: Wander Pires

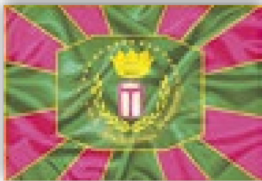
O SAMBA-ENREDO

A chave do cativeiro, virado no Exu Trunqueiro / Viradouro é catimbó, Viradouro é catimbó / Eu tenho corpo fechado, fechado tenho meu corpo / Porque nunca ando só, porque nunca ando só / A chave do cativeiro, virado no Exu Trunqueiro / Viradouro é catimbó, Viradouro é catimbó / Eu tenho corpo fechado, fechado tenho meu corpo / Porque nunca ando só, porque nunca ando só / Acenda tudo que for de acender / Deixa a fumaça entrar / Sobô nirê mafá, sobô nirê / Evoco, desperto nação coroada / Não temo o inimigo, galopo na estrada / A noite é abrigo / Transbordo a revolta dos mais oprimidos / Eu sou caboclo da Mata do Catucá / Eu sou pavor contra a tirania / Das matas, o Encantado / Cachimbo já foi facão amolado / Salve a raiz do Juremá / Ê juremeiro, curandeiro ó / Vinho da erva sagrada / Eu viro num gole só / Catiço sustenta o zeloso guardião / Trago a força da jurema / Não mexe comigo, não (2X)/ Entre a vida e a morte, encantarias / Nas veredas da encruza, proteção / O estandarte da sorte é quem me guia / Alumia minha procissão / Do parlamento das tramas / Para os quilombos modernos / A quem do mal se proclama / Levo do céu pro inferno / Toca o alujá ligeiro, tem coco de gira pra ser invocado / Kaô, consagrado / Reis Malunguinho, encarnado / Pernambucano mensageiro bravio / O rei da mata que mata quem mata o Brasil (2X) / A chave do cativeiro, virado no Exu Trunqueiro / Viradouro é catimbó, Viradouro é catimbó / Eu tenho corpo fechado, fechado tenho meu corpo / Porque nunca ando só, porque nunca ando só (2X) / Acenda tudo que for de acender / Deixa a fumaça entrar / Sobô nirê mafá, sobô nirê / Evoco, desperto nação coroada / Não temo o inimigo, galopo na estrada / A noite é abrigo / Transbordo a revolta dos mais oprimidos / Eu sou caboclo da Mata do Catucá / Eu sou pavor contra a tirania / Das matas, o Encantado / Cachimbo já foi facão amolado / Salve a raiz do Juremá / Ê juremeiro, curandeiro ó / Vinho da erva sagrada / Eu viro num gole só / Catiço sustenta o zeloso guardião / Trago a força da jurema / Não mexe comigo, não (2X) / Entre a vida e a morte, encantarias / Nas veredas da encruza, proteção / O estandarte da sorte é quem me guia / Alumia minha procissão / Do parlamento das tramas / Para os quilombos modernos / A quem do mal se proclama / Levo do céu pro inferno / Toca o alujá ligeiro, tem coco de gira pra ser invocado / Kaô, consagrado

DOMINGO

02|03

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA



entre 2h e 2h20

Orgulho de ser favela

A verde e rosa mostra os traços da cultura bantu no Brasil de hoje

A Mangueira vai levantar a Sapucaí com um enredo que resgata e exalta a cultura dos povos Bantu no Rio. A Estação Primeira traz para o carnaval uma narrativa que dá voz à história silenciada de milhares de africanos escravizados e seus descendentes, recontando suas dores, lutas e paixões. O tema, "À Flor da Terra – No Rio da Negritude Entre Dores e Paixões", nasceu da pesquisa do carnavalesco Sidnei França, inspirado na dissertação do historiador Júlio César Medeiros sobre o Cemitério dos Pretos Novos e a diáspora africana.

Muitas palavras do português falado no Brasil não têm origem lusitana, mas africana. Termos como "quiabo", "angu", "quilombo", "samba" e "quitute" vêm do idioma Bantu, um grupo linguístico e cultural que se espalha por países como Angola, Moçambique, Zimbábue, Quênia e África do Sul. Essa presença se estende para além da língua: foi no Brasil que os ex-escravizados criaram espaços de acolhimento e resistência, como as Casas de Zungu.

Os zungus eram muito mais do que locais de reunião. Ali, africanos e seus descendentes cozinhavam, partilhavam o angu, preservavam suas tradições, dançavam e fortaleciam laços ancestrais. Eram quilombos urbanos, verdadeiros refúgios em meio à opressão colonial.

O carnavalesco Sidnei França recebeu carta branca da escola para escolher o enredo, mergulhando na pesquisa para construir um tema autoral que reflete a trajetória de resistência da população negra carioca.

"Aqui chegaram pretos enfermos, outros já mortos nos porões dos navios tumbeiros. Eles eram jogados na região da Pequena África, perto do Cais do Valongo, em covas rasas sem identificação", explica Sidnei. Para ele, a morte dos africanos escravizados não era apenas física, mas também cultural: um apagamento identitário que foi instrumento do colonialismo.

O desfile de 2025 da Mangueira reafirma a força e a espiritualidade da cultura Bantu, que moldou profundamente a identidade do Brasil. Sidnei destaca que 80% dos negros desembarcados no Rio de Janeiro eram de origem Bantu, o que faz dessa tradição um pilar essencial da história carioca. "Nosso discurso é Bantu por respeito à predominância dessa cultura. Não é sobre vitimização, mas sobre uma perspectiva preta da história", afirma.

Ao atravessar a Marquês de Sapucaí, a Mangueira não apenas celebra, mas reivindica. O samba-enredo será um grito de resistência, fazendo ecoar vozes que, por séculos, tentaram calar.

Alexandre Macieira/Riotur



Imagem do ensaio técnico da Mangueira: a influência do povo bantu ainda se faz presente

FICHA TÉCNICA

Presidente: Guanayra Firmino
Fundação: 1928
Enredo: Flor da Terra – No Rio da Negritude entre Dores e Paixões
Carnavalesco: Sidnei França
Intérpretes: Marquinhos Art'Samba e Dowglas Diniz

O SAMBA-ENREDO

*Oya, Oya, Oya ê
Oya Matamba de kakoroká zingue (2x)
É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba (2x)
Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela (2x)
Sou Luanda e Benguela
A dor que se rebela, morte e vida no oceano
Resistência quilombola
Dos pretos novos de Angola
De Cabinda, suburbano
Tronco forte em ribanceira
Flor da terra de Mangueira
Revel do Santo Cristo que condena
Mistério das calungas ancestrais
Que o tempo revelou no cais
E fez do Rio minha África pequena
Ê malungo, que bate tambor de Congo
Faz macumba, dança jongo, ginga na capoeira
Ê malungo, o samba estancou teu sangue
De verde e rosa, renasce a nação de Zambi
Bate folha pra benzer, Pembelê, Kaiango
Guia meu camutuê, Mãe Preta ensinou
Bate folha pra benzer, Pembelê, Kaiango
Sob a cruz do seu altar, inquice incorporou
Forjado no arrepio
Da lei que me fez vadio
Liberto na senzala social
Malandro, arengueiro, marginal
Na gira, jogo de ronda e lundu
Onde a escola de vida é zungu
Fui risco iminente
O alvo que a bala insiste em achar
Lamento informar
Um sobrevivente
Meu som, por você criticado
Sempre censurado pela burguesia
Tomou a cidade de assalto
E hoje, no asfalto
A moda é ser cria
Quer imitar meu riscado
Descolorir o cabelo
Bater cabeça no meu terreiro
É de arerê, força de Matamba
É dela o trono onde reina o samba (2X)
Sou a voz do gueto, dona das multidões
Matriarca das paixões, Mangueira
O povo banto que floresce nas vielas
Orgulho de ser favela (2x)*

SEGUNDA

03|03

UNIDOS DA TIJUCA



22h

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Técnicos da Unidos da Tijuca trabalham na finalização dos carros alegóricos da escola

Na missão do santo menino

Escola canta o encanto e o axé de Logun Edé

Em busca de seu quarto título no Grupo Especial, a Unidos da Tijuca escolheu leva à avenida o enredo "Logun Edé – Santo Menino que o Velho Respeita". Desenvolvido por Edson Pereira, o tema narra a trajetória da divindade de religiões de matriz africana conhecida como o "príncipe dos orixás". Segundo a tradição iorubá, Logun Edé é filho de Oxum, orixá ligada às águas doces e à pesca, e de Oxóssi, senhor das matas e da caça. O enredo celebra a dualidade, a beleza e a sabedoria desse orixá, que é reverenciado tanto por sua juventude quanto por sua profundidade espiritual.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Fernando Horta
Fundação: 1931
Enredo: Logun-Edé - Santo menino que velho respeita
Carnavalesco: Edson Pereira
Intérprete: Ito Melodia

Logun Edé representa ainda a união entre o feminino e o masculino, a água e a terra, a juventude e a sabedoria. O tema explora a dualidade de Logun-Edé, destacando sua importância como símbolo de equilíbrio e harmonia. Graças a essas virtudes, o orixá menino é respeitado por seus pares mais velhos.

"Quando cheguei à escola, havia um forte desejo de homenagear Logun Edé. Outros enredos estavam em pauta, mas senti que este era o momento ideal para contar essa história e trazer uma energia positiva, algo que a comunidade abraçasse", diz o carnavalesco. Figurinista por formação, Edson iniciou sua trajetória no Carnaval em 1992 como pintor de arte, acumulando diferentes funções ao longo dos anos. Antes de assumir a criação da escola azul e amarelo-ouro, esteve à frente da Unidos de Padre Miguel por 16 anos.

Na construção do enredo, Edson realizou uma pesquisa minuciosa para entrelaçar a história do orixá com a da escola e encontrou coincidências marcantes. Fundada em 1931 no bairro da Tijuca, na Zona Norte do Rio, a agremiação nasceu na Rua São Miguel — nome que, no sincretismo religioso, corresponde a Logun-Edé. Além disso, a escola carrega as mesmas cores da divindade em seu pavilhão, o azul e o amarelo, e compartilha com ele seu símbolo: o pavão.

O SAMBA-ENREDO

Reflete o espelho... Orisun
Nas águas de Oxum
À luz de Orunmilá
Magia que desaguou na ribeira
E fez o caçador se encantar
Sou eu, sou eu
Príncipe nascido desse grande amor
Herdeiro da bravura e da beleza
É da minha natureza a dualidade e o fulgor
De tudo que aprendi, o todo que reuni
Fez imbatível a força do meu axé
Com brilho imenso, desafio o consenso, inquieto e intenso
Sou Logum Edé

Oakofaê, odoiá
Oakofaê, desbravei o mar
Não ando sozinho montei no cavalo marinho
Abri caminho pro povo de Ijexá

E no rufar dos Ilus meu tambor
A fé no Kale Bokum assentou
A proteção de meus pais, ofás e abebés
Sou a Tijuca e seus candomblés
Um lindo leque se abriu, ori do meu pavilhão
Amarelo ouro e azul pavão
Orixá menino que velho respeita
Recebi sentença de pai Oxalá
Eu não descanso depois da missão cumprida
A minha sina é recomeçar

Logun edé
Logum arô
Logun edé loci loci Logun arô
A juventude do Borel
Desce o morro pra cantar em seu louvor

SEGUNDA

03|03

BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS



entre 23h30 e 23h40

Tem Laíla na Sapucaí!

Divulgação



Laíla, um dos nomes que fez da Beija-Flor uma escola gigante é justamente homenageado neste carnaval

Azul e branco de Nilópolis reverencia um de seus maiores representantes

A multicampeão Beija-Flor de Nilópolis revisita sua própria história com um enredo que bateu forte no coração da comunidades. "Laíla de Todos os Santos, Laíla de Todos os Sambas" é uma merecida homenagem da azul e branco da Baixada a um de seus mais célebres integrantes. O enredo, assinado por João Vitor Araújo celebra a vida, a obra e o legado do carnavalesco e dirigente, apresenta sua devoção a Xangô e promete emocionar ao contar o reencontro espiritual deste baluarte do samba com o carnavalesco Joãosinho Trinta, outro grande nome da história da Beija-Flor.

Laíla é figura central na história da escola e no Carnaval carioca. Desenvolvido com sensibilidade e profundidade, o enredo promete uma abordagem que mistura espiritualidade, arte e emoção, celebrando não apenas a figura de Laíla, mas também a força do Carnaval como expressão cultural e transformadora.

Nascido Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, Laíla foi uma as centrenas de milhares de vítimas da covid-19. Viveu o mundo do carnaval por mais de 50 anos. Além de suas passagens mnarcantes pela escola de Nilópolis, passou por outras escolas: Salgueiro, Vila Isabel, União da Ilha e Unidos da Tijuca.

"A intenção não é santificar o Laíla porque ele não era santo, e ninguém é santo. Então, para quem pensa que a gente vai trazer ou Laíla com asinha, com par de asas nas costas... É o Laíla humano, aquele que errava, aquele que acertava, mas que construiu uma história linda dentro do carnaval", explica o carnavalesco.

Para deixar os corações da torcida da Beija-Flor ainda mais apertados, o desfile deste ano pode ser o último que a escola terá Neguinho da Beija-Flor do alto do carro de som.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Almir Reis
Fundação: 1948
Enredo: Laíla de Todos os santos, Laíla de Todos os Sambas
Carnavalesco: João Vitor
Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

O SAMBA-ENREDO

Kaô meu velho!
Volta e me dá os caminhos
Conduz outra vez meu destino
Traz os ventos de Oyá
Agô meu mestre
Tua presença ainda está aqui
Mesmo sem ver, eu posso sentir
Faz Nilópolis cantar
Desce o morro de Oyó
Benedito e Catimbó
O alabá Doum
Traz o terço pra benzer
E a cigana puerê
Meu Exu
De copo no palco, sandália rasteira
No chão sagrado toda quinta-feira

O brado no tambor, feitiço
Brigou pela cor, catiço
Coragem na fala sem temer a queda
O dedo na cara, quem for contra reza

Vencer o seu verbo
Gênio do ouvido perfeito
A trança nos versos
Divino e humano em seu jeito
Queria paz mas era bom na guerra
Apitou em outras terras, viajou nas ilusões
Deu voz à favela e a tantas gerações
Eu vou seguir sem esquecer nossa jornada
Emocionada, a baixada em redenção
Chama João pra matar a saudade
Vem comandar sua comunidade
Óh Jakutá, o Cristo preto me fez quem eu sou
Receba toda gratidão Obá, dessa nação nagô
Da casa de Ogum, Xangô me guia
Da casa de Ogum, Xangô me guia
Dobram atabaques no quilombo Beija-Flor
Terreiro de Laíla meu griô

SEGUNDA

03|03

ACADÊMICOS DO SALGUEIRO



entre 0h50 e 1h10

Corpo fechado para cruzar a Sapucaí

Escola evoca as tradições populares de autoproteção desde as mandingas trazidas ao Brasil pelo povo malê

Roberto Narciso/Agência Brasil



O enredo salgueirense evoca as mandingas trazidas da África e viaja por outras crenças populares Brasil afora

O Salgueiro levará à Marquês de Sapucaí, neste carnaval, o enredo "Salgueiro de corpo fechado". A vermelho e branco da Tijuca revisita uma tradição que tantas vezes a levou à disputa do título: a exaltação das matrizes africanas.

O carnavalesco Jorge Silveira afirma que este desfile representa um retorno às origens da escola num "mergulho sério e profundo na diversidade das culturas religiosas do Brasil". A proposta é blindar simbolicamente o Salgueiro para atravessar a grande encruzilhada do sambista — a Sapucaí — recorrendo à memória afetiva e a seus ícones mais marcantes. "É o Salgueiro descendo o morro para disputar o carnaval, cruzando essa jornada tanto no plano material quanto no espiritual. Nosso enredo traduz na avenida os rituais de fechamento de corpo presentes em diferentes tradições religiosas brasileiras", afirmou.

A narrativa começa com a chegada de africanos muçulmanos escravizados à Bahia, em especial os mandingas do Império Mali, no Norte da África. A partir daí, percorre diferentes manifestações da busca por proteção espiritual.

A cultura das bolsas de mandinga, trazida por esses povos, influenciou rituais e elementos da cultura brasileira. Nosso desfile passa pela Bahia, com os chamados escravos malês, pelo Nordeste e sua tradição do cangaço, pela sabedoria indígena e, por fim, retorna ao Rio de Janeiro para destacar a umbanda, o candomblé e a malandragem carioca.

O desfile se inicia com o Salgueiro descendo o morro e fortalecendo sua própria proteção. Em seguida, a narrativa resgata o legado do povo mandinga e a influência dos africanos escravizados. O trajeto avança pelo sertão nordestino, onde o cangaço incorporou amuletos e patuás, e segue pelo Norte e Nordeste para destacar a herança indígena. Nos setores finais, o enredo desembarca no Rio, evocando a espiritualidade afro-brasileira e o universo da boemia carioca.

FICHA TÉCNICA

Presidente: André Vaz
Fundação: 1953
Enredo: Salgueiro de corpo fechado
Carnavalesco: Jorge Silveira
Intérprete: Igor Sorriso e Charles Silva

O SAMBA-ENREDO

Salve, seu Zé, que alumia nosso morro Estende o chapéu a quem pede socorro / Vermelho e branco no linho trajado / Sou eu malandragem de corpo fechado / Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá / Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar / Meu terreiro é a casa da mandinga / Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba (2x) / Prepara o alguidar, acende a vela / Firma ponto ao sentinela / Pede a bênção pra vovô / Faz a cruz e risca a pemba / Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô / Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá / Adorei as almas que conduzem meu caminho / É mojubá, marabô, invoque a Lua / Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho / Sou herança dos malês, bom mandingo e arisco / Uso a pedra de corisco pra blindar meu dia a dia / No tacho, arruda e alecrim, ô / Bala de chumbo contra toda covardia / Tenho a fé que habita o sertão / De Lampião, o cangaceiro / Feito Moreno, eu vou viver / Mais de cem anos no meu Salgueiro / Tenho a fé que habita o sertão / De Lampião, o cangaceiro / Feito Moreno, eu vou viver / Mais de cem anos no meu Salgueiro / Sou espinho qual fulô de macambira / Olho gordo não me alcança / Ante o mal, a pajelança pra curar / Sempre há uma reza pra salvar / O nó desata, liberdade pela mata / E os mistérios do axé, meu candomblé / Derruba o inimigo um por um / Eu levo fé no poder do meu contra-egum / Salve, seu Zé, que alumia nosso morro / Estende o chapéu a quem pede socorro / Vermelho e branco no linho trajado / Sou eu malandragem de corpo fechado / Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá / Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar / Meu terreiro é a casa da mandinga / Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba (2x) / Prepara o alguidar, acende a vela / Firma ponto ao sentinela / Pede a bênção pra vovô / Faz a cruz e risca a pemba / Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô / Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá / Adorei as almas que conduzem meu caminho / É mojubá, marabô, invoque a Lua / Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho / Sou herança dos malês, bom mandingo e arisco / Uso a pedra de corisco pra blindar meu dia a dia / No tacho, arruda e alecrim, ô / Bala de chumbo contra toda covardia / Tenho a fé que habita o sertão / De Lampião, o cangaceiro / Feito Moreno, eu vou viver / Mais de cem anos no meu Salgueiro (2x) / Sou espinho qual fulô de macambira / Olho gordo não me alcança / Ante o mal, a pajelança pra curar / Sempre há uma reza pra salvar / O nó desata, liberdade pela mata / E os mistérios do axé, meu candomblé / Derruba o inimigo um por um / Eu levo fé no poder do meu contra-egum / Salve, seu Zé, que alumia nosso morro / Estende o chapéu a quem pede socorro / Vermelho e branco no linho trajado / Sou eu malandragem de corpo fechado

SEGUNDA

03|03

UNIDOS DE VILA ISABEL



entre 2h10 e 2h40

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Detalhe de carro alegórico do desfile da Vila Isabel, que promete assombrar com bom humor

A Vila vai te pegar! De alegria

A escola do bairro de Noel Rosa se inspira nas atrações 'macabras' dos parques d e diversão para mostrar figuras lendárias do imaginário popular

A sabedoria popular já nos ensina que quanto mais a gente reza, mais assombração aparece. Com esse enredo, a Unidos de Vila Isabel promete um desfile marcante na Marquês de Sapucaí em 2025. Mas será um desfile assustador? O carnavalesco Paulo Barros garante que não. A azul e branco do bairro de Noel Rosa pretende levar alegria à avenida, inspirando-se no universo lúdico dos parques de diversão.

"Nossa proposta é a de um trem fantasma, mas no sentido daqueles brinquedos de parque, onde a diversão é garantida. Durante o trajeto, encontraremos assombrações inspiradas na cultura brasileira, figuras lendárias que fazem parte do imaginário popular. Todo mundo acha que o enredo é assombroso, mas ele não é", insiste o carnavalesco.

"No carnaval, isso não cabe. Já vi escola de samba levar caixão para a avenida, mas, para mim, isso não faz sentido", recorda, descartando qualquer traço macabro no desfile que criou.

E como seré esse trem fantasma? Barros tem a resposta na ponta da língua: "Vamos atravessar setores temáticos, encontrando assombrações ligadas às florestas, aos rios, ao mar e também às vilas, ruas, castelos e cidades, mostrando essas figuras em seu habitat natural", adianta o carnavalesco, famoso por seus truques na avenida. O que será que Paulo Barros vai aprontar desta vez?

FICHA TÉCNICA

Presidente: Luiz Guimarães
Fundação: 1946
Enredo: Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece
Carnavalesco: Paulo Barros
Intérprete: Tinga

O SAMBA-ENREDO

Embarque nesse trem da ilusão
Não tenha medo de se entregar
Pois nosso maquinista é capitão
E comanda a legião que vem lá do Boulevard
O breu e o susto em meio a floresta
Por entre os arbustos, quem se manifesta?
Cara feia pra mim é fome
Vá de retro lobisomem
Curupira sai pra lá
No clarão da Lua cheia
Margeando rio abaixo
Ouço um canto de sereia

Ê caboclo d'água
Da água que me assombra
A sombra da meia noite
Foi-se a noite de luar (oi)
Na tempestade, encantada é a gaiola
Chora viola, pra alma penada samba

Nas redondezas credo em cruz, Ave Maria
Nas redondezas credo em cruz, Ave Maria
Quanto mais samba tocava, mais defunto aparecia
Quanto mais samba tocava, mais defunto aparecia

Silêncio
Ao som do último suspiro vai chegar
A batucada suingada de vampiros
Quando o apito anunciar
Eu aprendi que desde os tempos de criança
A minha Vila sempre foi bicho papão
Por isso, me encantei com esse feitiço
Que hoje causa reboliço arrastando a multidão

Solta o bicho, dá um baile de alegria
É o povo do samba virado na bruxaria
O caldeirão vai ferver, eu quero ver segurar
Não tem jeito, a Vila vai te pegar

TERÇA 04|03

MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL

"Ela deixou um legado inestimável para a nossa agremiação, e a melhor forma de homenageá-la é seguir trabalhando" Mauro Amorim



22h

Alexandre Macieira/Riotur



A carnavalesca Márcia Lage, morta em janeiro, será lembrada num dos carros Mocidade

O futuro chegou. E agora?

Escola reflete sobre os rumos da humanidade em enredo pensado por Renato Lage e Márcia Lage, morta em janeiro

A Mocidade Independente de Padre Miguel está de luto pela morte recente de sua carnavalesca Márcia Lage em janeiro. Mas a comunidade ergue a cabeça para defender na avenida o enredo "Voltando para o Futuro – Não Há Limites pra Sonhar", concebido por ela e seu marido Renato Lage. A agremiação verde e branca da Zona Oeste é uma das poucas a apresentar um tema sem ligação direta com a negritude ou a africanidade durante os três dias de desfile.

"Nosso enredo para o Carnaval de 2025 é uma grande reflexão sobre o futuro tão sonhado. Sempre desejamos avanços tecnológicos, e esse futuro chegou. Agora, o que podemos fazer pelo destino da humanidade?", questiona o diretor de carnaval, Mauro Amorim. "Nossas relações interpessoais vão bem? Nossa humanidade está preservada? Não se trata de contestação, mas de uma grande reflexão sobre o mundo que vivemos e o que queremos construir para o futuro", reforça.

O enredo foi desenvolvido pelo casal de carnavalescos Renato e Márcia Lage, ambos com trajetória marcante no samba, incluindo passagens por escolas como Acadêmicos do Salgueiro e Império Serrano. "Desde o início, a Mocidade abraçou essa proposta, reconhecendo a relevância desse debate para os dias atuais", relembra Amorim.

No dia 19 de janeiro, Márcia faleceu aos 64 anos, vítima de leucemia. A perda foi profundamente sentida na escola. "Ela deixou um legado inestimável para a nossa agremiação, e a melhor forma de homenageá-la é seguir trabalhando, unindo esforços para entregar um desfile à sua altura, à altura de Renato e de cada torcedor da Mocidade Independente", afirma Amorim.

O intérprete Zé Paulo Sierra reforça o espírito de superação: "O Carnaval ensina que podemos ir além, mesmo nos momentos mais difíceis. Agora, é encontrar forças, apoiar Renato e fazer esse desfile por Márcia e pela comunidade".

FICHA TÉCNICA

Presidente: Flávio Santos
Fundação: 1955
Enredo: Voltando para o futuro - Não há limites para sonhar
Carnavalesco: Renato Lage e Márcia Lage (in memorian)
Intérprete: Zé Paulo

O SAMBA-ENREDO

O céu vai clarear / Iluminar a zona oeste da cidade / E Deus vai desfilar / Pra ver o mago recriar a Mocidade (2X) / A luz que nos chega da estrela primeira / Nascida do pó no Cruzeiro do Sul / Do plasma divino das mãos carpinteiras / Ressurge candeia no breu nesse azul / Será que o limbo da imaginação / Perverte a inteligência? / O homem com sua ambição / Desconhece a razão, desatina a Ciência / Será que há de ter carnaval sem minha cadência? / Com alas em tom digital, no fim da existência / Me diz, afinal / quem há de arcar com as consequências? / Se a Mocidade sonhar / No infinito escrever / Versos à luz do luar, deixa! / Quando o futuro voltar / A juventude vai crer / Que toda estrela pode renascer (2X) / O verde adoecido da esperança / Ofega sobre o leito da cobiça / Quem vive pelo preço da cobrança / Derrama sua lágrima postiça / Fogo matando a floresta / Bicho morrendo no cio / Febre no pouco que resta / Secam as águas do rio / E a vida vai vivendo por um fio / Naveguei / No afã de me encontrar, eu me emocionei / Lembrei da corda bamba que atravessei / São tantas as viradas desta vida / A mão que faz a bomba se arrepende / Faz o samba e aprende / A se entregar de corpo e alma na avenida / O céu vai clarear / Iluminar a zona oeste da cidade / E Deus vai desfilar / Pra ver o mago recriar a Mocidade (2X) / A luz que nos chega da estrela primeira / Nascida do pó no Cruzeiro do Sul / Do plasma divino das mãos carpinteiras / Ressurge candeia no breu nesse azul / Será que o limbo da imaginação / Perverte a inteligência? / O homem com sua ambição / Desconhece a razão, desatina a Ciência / Será que há de ter carnaval sem minha cadência? / Com alas em tom digital, no fim da existência / Me diz, afinal / Quem há de arcar com as consequências? / Se a Mocidade sonhar / No infinito escrever / Versos à luz do luar, deixa! / Quando o futuro voltar / A juventude vai crer / Que toda estrela pode renascer (2X) / O verde adoecido da esperança / Ofega sobre o leito da cobiça / Quem vive pelo preço da cobrança / Derrama sua lágrima postiça / Fogo matando a floresta / Bicho morrendo no cio / Febre no pouco que resta / Secam as águas do rio / E a vida vai vivendo por um fio / Naveguei / No afã de me encontrar, eu me emocionei / Lembrei da corda bamba que atravessei / São tantas as viradas desta vida / A mão que faz a bomba se arrepende / Faz o samba e aprende / A se entregar de corpo e alma na avenida / O céu vai clarear / Iluminar a zona oeste da cidade / E Deus vai desfilar / Pra ver o mago recriar a Mocidade (2x)

TERÇA 04|03

PARAÍSO DO TUIUTI



entre 23h30 e 23h40

Alex Ferro/Riotur



Imagem do ensaio técnico da Paraíso do Tuiuti

Visibilidade LGBTQIAPN+ na passarela

Paraíso do Tuiuti conta a história da primeira mulher trans do Brasil

Xica Manicongo, considerada a primeira travesti do Brasil, foi uma mulher trans escravizada que viveu em Salvador no século XVI. Sua trajetória, marcada pela violência que ainda atinge pessoas trans e travestis no país, será levada à Marquês de Sapucaí pela Paraíso do Tuiuti.

O desfile do enredo "Quem tem medo de Xica Manicongo", assinado pelo carnavalesco Jack Vasconcelos, terá lideranças e ativistas trans, entre as quais as deputadas federais Érika Hilton (PSOL-SP) e Duda Salabert (PDT-MG), a vereadora Amanda Paschoal (PSOL-SP) e a deputada estadual Dani Balbi (PCdoB-RJ), além de ativistas dos direitos humanos.

Ao homenagear Xica Manicongo, a escola populariza a história da escravizada trans que trabalhou como sapateira em Salvador. Relatos históricos indicam que ela não aceitava o nome masculino, tampouco, os trajes masculinos e se vestia de acordo com sua identidade de gênero, como mulher, com um pano amarrado ao corpo. Xica foi violentamente reprimida pela época, acusada de sodomia e condenada à morte pelo Tribunal do Santo Ofício, queimada viva em praça pública, o que mostra as raízes coloniais da violência contra essa população e que se perpetua até os dias de hoje.

Para Erika Hilton, participar do desfile é uma honra e uma oportunidade de resgatar a história de Manicongo. "Sempre estivemos no carnaval — pessoas trans, travestis, a comunidade LGBTQIA+ —, mas faltavam nossos heróis e heroínas", comenta. "Que o maior recado seja dado: basta de preconceito, intolerância e ódio. Outras Xicas não podem mais ser levadas à fogueira."

FICHA TÉCNICA

Presidente: Renato Thor
Fundação: 1952
Enredo: Quem tem medo de Xica Manicongo
Carnavalesco: Jack Vasconcelos
Intérprete: Pixulé

O SAMBA-ENREDO

A cada 34 horas / Há um assassinato de pessoa LGBTQIAPN+ / Colocando o Brasil como número 1 neste tipo de morte violenta / Por isso, trazer luz à história de Xica Manicongo é fundamental / O Paraíso do Tuiuti é Xica / Todas somos Xica / Xica vive na fumaça / Vim da África Mãe, ê-ô / Mas se a vida é vã, ê-ô (mumunha) / Kimbanda me fiz, nganga é raiz / Eu pego o touro na unha / Ê pajubá / Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê / É mojubá / Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu) / Ê pajubá / Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê / É mojubá
Põe marafo, fubá e dendê / Só não venha me julgar, ô-ô / Pela boca que eu beijo / Pela cor da minha blusa / E a fé que eu professar / Não venha me julgar / Eu conheço o meu desejo / Este dedo que acusa / Não vai me fazer parar / Faz tempo que eu digo não / Ao velho discurso cristão, sou Manicongo / Há duas cabeças em um coração / São tantas e uma só, eu sou a transição / Carrego dois mundos no ombro / Vim da África Mãe, ê-ô / Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha / Kimbanda me fiz, nganga é raiz / Eu pego o touro na unha (2x) / (Eu sou) a bicha, invertida e vulgar / A voz que calou o cis tema / A bruxa do conservador / O prazer e a dor / Fui pombogirar na jurema / Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha / As perseguidas na parada popular / E a Mavambo reza na mesma cartilha / Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar / Eu, travesti / Estou no cruzo da esquina / Pra enfrentar a chacina / Que assim se faça / Meu Tuiuti / Que o Brasil da terra plana / Tenha consciência humana / Xica vive na fumaça / Ê pajubá / Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê / É mojubá / Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu) / É pajubá / Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê / É mojubá / Põe marafo, fubá e dendê / Ô, ô, ô, ô, ô / Ô, ô, ô, ô, ô

TERÇA 04|03

ACADÊMICOS DO GRANDE RIO



entre 0h50 e 1h10

Vitor Souza Lima/Divulgação



A Grande Rio navega na história das princesas turcas que se tornaram animais de poder na Amazônia

Uma travessia mágica na Amazônia

Grande Rio se vale de uma rica tradição oral ligada ao fenômeno da pororoca

A história que a Acadêmicos do Grande Rio leva este ano à Marquês de Sapucaí é transmitida de geração em geração nos terreiros de tambor de Mina da Amazônia paraense. Ela começa com a chegada de três princesas turcas à Amazônia, em busca de cura. Leonardo Bora, carnavalesco da escola, revela que o enredo "Pororocas Parawaras: as águas dos meus encantos nas contas dos curimbós" traz um tema nunca contado no Grupo Especial.

"É uma história de matriz oral que narra a jornada de três princesas turcas que, ao se encantarem em alto mar, atravessaram o espelho do encantamento, não conheceram a morte e se transformaram em entidades místicas. Elas chegam ao Brasil e se 'ajuremam' no coração da floresta, ou seja, participam dos ritos da Jurema Sagrada [religião que mistura elementos africanos e indígenas], tornando-se animais de poder", detalha o carnavalesco.

No desfile, a cantora Fafá de Belém vai representar a princesa Mariana, a mais velha das três princesas, que se apresenta na figura da arara cantadeira. A princesa Herondina, que é a do meio, e simboliza a onça, terá na avenida a atuação da atriz Dira Paes. A terceira, mais nova, Jarina, representada pela jibóia e pela borboleta, será a cantora Naieme.

A influência da canção "Quatro Contas", de Dona Onete, foi fundamental para a construção do enredo. Essa conexão com os mestres do carimbó é um dos elementos centrais da narrativa da Grande Rio. "Essa história está muito presente nos terreiros da Mina Paraense, um complexo religioso que mistura crenças africanas e indígenas. O próprio conceito de pororoca, o encontro das águas dos rios da Amazônia com as águas do oceano, simboliza essa fusão. O enredo é todo baseado nesse encontro, na hibridação, e é com esse espírito que a Grande Rio quer inundar a Sapucaí.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Milton Abreu do Nascimento (Perácio)
Fundação: 1988
Enredo: Pororocas parawaras: as águas dos meus encantos nas contas dos curimbós
Carnavalescos: Leonardo Bora e Gabriel Haddad
Intérprete: Evandro Malandro

O SAMBA-ENREDO

A Mina é Cocoriô
Feitiçaria Parawara
A mesma Lua da Turquia
Na travessia foi encantada
Maresia me guia sem medo
Pro banho de cheiro
Na encruzilhada, espuma do mar
Fez a flor do missuré desabrochar
Pororoca me leva
Pro fundo do igarapé
Se desvia da flecha, não se escancha em puraqué
Quem é de barro, no igapó, é Caruana
Boto assovia, ô, Mãe d'Água dança
Se a Boiúna se agita, é banzeiro, banzeiro
Quatro contas, um cocar
Salve, Arara Cantadeira
Borboleta à Espreita
E a Onça do Grão-Pará (2x)
Na curimba de babaçuê
Tem falange de ajuremados
A macaia codoense é macumba de outro lado
Venham ver as Três Princesas baiando no curimbó
É doutrina de santo rodando no meu carimbó
E foi assim
Suas espadas têm as ervas da jurema
Novos destinos no mesmo poema
E nos terreiros, perfume de patchouli
Acende a brasa do defumador
Pro mestre batucar a sua fé
Noite de festa, curió marajoara
Protege Caxias nas águas de Nazaré
É força de caboclo, vodum e orixá
Meu povo faz a curva como faz na gira
Chama Jarina, Herondina e Mariana
Grande Rio firma o samba no Tambor de Mina (2x)
A Mina é Cocoriô (5x)

TERÇA 04|03

PORTELA



entre 2h10 e 2h40

Divulgação



A azul e branco de Oswaldo Cruz embarca numa viagem ao universo artístico de Milton

A águia viaja no trem azul de Bituca

Portela busca a glória na Sapucaí exaltando a trajetória de Milton Nascimento

A Portela, uma das escolas de samba mais tradicionais e queridas e maior campeão do carnaval carioca, chega à Marquês de Sapucaí com um enredo de pura emoção: uma justa homengaem à vida e a obra de um dos maiores nomes da música brasileira e mundial. Com o enredo "Cantar Será Buscar o Caminho que Vai Dar no Sol – Uma Homenagem a Milton Nascimento", a escola azul e branco de Oswaldo Cruz pela primeira vez prestigia uma personalidade viva, um momento histórico para a agremiação.

A música de Milton, o Bituca, transcende fronteiras e toca a alma de milhões de pessoas. Desenvolvido pelos carnavalescos André Rodrigues e Antônio Gonzaga, o enredo explora a trajetória de Milton desde sua infância em Minas Gerais, passando por suas influências musicais, suas parcerias históricas e suas canções que se tornaram hinos de amor, esperança e resistência.

A narrativa do desfile será dividida em setores que representam diferentes fases e aspectos da carreira de Milton Nascimento. Desde suas raízes mineiras e sua conexão com o Clube da Esquina, movimento que revolucionou a música popular brasileira, até suas colaborações com artistas como Fernando Brant, Lô Borges e Beto Guedes, a Portela promete uma verdadeira imersão no universo do artista. O enredo também celebra a mensagem de esperança e união presente nas músicas de Milton, que falam de amor, natureza e justiça social.

FICHA TÉCNICA

Presidente: Fábio Pavão
Fundação: 1923
Enredo: Cantar será buscar o caminho que vai dar no Sol. Uma homenagem a Milton Nascimento
Carnavalesco: Antônio Gonzaga e André Rodrigues
Intérprete: Gilsinho

O SAMBA-ENREDO

Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar
Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar
Anjo negro é o Sol que faz a Portela cantar
Anjo negro é o Sol na minha Portela (2x)
Manhã
Alvorada das nossas lembranças
Peito aberto, carrego esperança
Do altar de São Sebastião
Estou
Onde a Mãe do Ouro me afaga
E fiel, abraçado à Águia
Vou partir em procissão
Na fé
Que faz do artista entidade
E sagrada as amizades
Ardem vozes, mil tambores
Nas mãos
Girassóis na travessia, minh'alma em cantoria
Vem a tarde, vão-se as dores
Nessa estrada, é sonho, é poeira
Passa o trem azul, sigo em paz
Feito Rio, só me leva
Pra Deus, filho de Maria
Tantos mares em um cais
Nessa estrada, é sonho, é poeira
Passa o trem azul, sigo em paz
Feito Rio, só me leva
Pra Deus, filho de Maria
Tantos mares em um cais
E as raízes se juntaram
Na esquina, uniram a nação
Venceram as lutas que travavam
Pra ver Zumbi no céu da canção
Noite apaga o arrebol
Num milagre ser farol e continuar
Quem acredita na vida não deixa de amar (2x)
Dorme a maldade após o temporal
Na bandeira, a liberdade, vem Bituca triunfal
Cheguei com meu povo, mesmo sentimento
Onde Candeia é chama
Brilha Milton Nascimento
Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar
Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar
Anjo negro é o Sol que faz a Portela cantar
Anjo negro é o Sol na minha Portela (2x)

> veraooficialdobrasil.prefeitura.rio

RIO

O verão oficial do Brasil

Bondinho ou asa-delta? Banho de mar ou de cachoeira? Samba no largo ou funk na laje? Limonada ou mate? Em nenhum outro lugar do mundo você pode viver tantas alegrias no verão. Por isso, o mundo escolheu viver o verão no Rio. Aproveite, essa é a nossa casa. Essa é a nossa estação.

PREFEITURA RIO

Um carnaval de opções

Festas até 16/03 com atrações variadas; transporte público gratuito de 1º a 4 de março

Por Reynaldo Rodrigues

No Carnaval do Distrito Federal, a diversão é garantida! Dezenas de blocos estão espalhados por todas as regiões da capital. No Plano Piloto, três áreas carnavalescas oferecem mais segurança para os foliões:

1º de março

Leds Bora
✱Horário: 18h às 22h / Local: Setor Comercial Sul – Quadra 05 – Prédio da OI

Divulgação/Secec-DF



A programação oficial do Folia DF 2025 começa neste sábado (1º/3)

Bloco Baile da Piki
✱Horário: 14h às 22h / Local: Rua do Lazer, Águas Claras

Rebu, o Bloco
✱Horário: 15h às 21h / Local: Estacionamento do Eixo Cultural Ibero-Americano

Concentra Mas Não Sai
✱Horário: 16h às 22h / Local: Estacionamento do Minas Tênis Clube

Aparelhinho
✱Horário: 10h às 19h / Local: SBS

Bloco Na Batida Do Morro
✱Horário: 13h às 20h / Local: Setor Comercial Sul – Quadra 05 – Prédio da OI

Carnaflow
✱ Horário: 12h às 22h / Local: Praça do Cidadão, St. M EQNM 18/20, Ceilândia

Bloco Guardiões do Samba
✱Horário: 16h às 3h / Local: Arena Top Show, São Sebastião

Bloco Brincantes do Gama
✱Horário: 15h às 22h / Local: Praça Lourival Bandeira (Cine Itapuã)

Vassourinhas de Brasília
✱Horário: 15h às 19h / Local: Cortejo do SesiLAB até o Setor Carnavalesco Sul

O Bloco das Montadas já é um clássico

Romero Ferro e Ane Êoketu cantam na área externa do Museu

O Bloco das Montadas já é um clássico no domingo de carnaval de Brasília e neste ano vai ocupar a área externa do Museu Nacional da República, no dia 2 de março. Para a festa da diversidade, promovida pelo coletivo Distrito Drag, as atrações são Tati Quebra Barraco, Aretuza Lovi, Romero Ferro e Ane Êoketu, que se apresentam a partir das 13h. Para celebrar os ritmos brasileiros, tema desta edição, a mistura sonora tem funk carioca, pop, tecnobrega, forró, sofrência, frevo e samba.

Integram a lista de atrações, a bateria da escola de samba Capela Imperial, as DJs Ella Nasser e Patty Peronti e a Banda do Bloco das Montadas, que faz sua estreia. Um show de carnaval composto por um elenco de drag queens é um dos destaques do bloco neste ano.

A proposta é uma festa com entrada gratuita, que celebra a diversidade com respeito e segurança, aberta a toda a família. Para Ruth Venceremos, uma das diretoras do Bloco das Montadas, viver a brasilidade por meio da música guiou a direção artística da atração. "A gente quer celebrar as vertentes musicais que nos definem, que definem a pluralidade do nosso carnaval", define.

A celebração da brasilidade por meio dos nossos ritmos musicais surgiu como o norte para a direção artística da atração. "Pensar o bloco parte dessa vontade de unir todas as cores, ritmos e de mostrar a força da diversidade", reforça Ruth.

Divulgação / Jr. Rosa



O bloco foi eleito por três vezes o melhor do DF

Banda

Para reforçar a identidade da arte drag e promover uma atração especial para o público, o Distrito Drag estreia neste ano a Banda do Bloco das Montadas. A escolha das vocalistas foi realizada por meio de concurso e as escolhidas para dar voz ao grupo musical foram as drag queens K-Halla e Vanilla Jezz.

Acessibilidade

O Bloco das Montadas tem um espaço exclusivo para pessoas com deficiência (PCDs), com mobilidade reduzida e cadeirantes, de modo que esta parcela do público tenha visibilidade do palco, mais conforto e autonomia. A área ocupada pela atração disponibiliza banheiros acessíveis. Para facilitar a comunicação, intérpretes de libras vão estar no palco.

Marco em Brasília

Criado e protagonizado por drag queens, o Bloco das Montadas surgiu em 2018. A expectativa era reunir 500 pessoas, mas 15 mil se juntaram à festa do Distrito Drag.

Folia diversa na capital

As festividades de carnaval do Distrito Federal têm opções para todos os gostos

Além de ser uma festa de cores e diversidade, o DF Folia 2025 impulsiona a economia criativa, movimentando setores como turismo, gastronomia, moda e entretenimento.

2 de março

Charretinha + Tropicaos
✱Horário: 13h às 19h / Local: Praça Nelson Corso e Praça da Igrejinha, Vila Planalto

Bloco Agoniza, Mas Não Morre
✱Horário: 14h às 21h /Local: Deck Sul, Plano Piloto

Bloco das 11
✱Horário: 15h às 22h / Local: Avenida Central, SCIA

Agência Brasília



O GDF vai oferecer transporte público gratuito nos quatro dias de Carnaval

Bloco Menino de Ceilândia
✱Horário: 15h às 22h / Local: Estacionamento CNM 1 – Ceilândia Centro

Bloco da Tesourinha
✱Horário: 16h às 22h / Local: Fonte da Torre de TV, Plano Piloto

Bloco da Toca
✱ Horário: 15h às 22h / Local: Rua do Lazer, Águas Claras

Bloco Àsé Dúdú
✱Horário: 16h às 23h / Local: Taguaparque

3 de março

Bloco DesMaiô
✱Horário: 12h às 18h / Local: Galeria dos Estados

Bloco das Divinas Tetas
✱Horário: 12h às 20h / Local: Museu Nacional da República

Bloco do amor
✱Horário: 14h às 20h / Local: Via S2

Bloco Samba Flores
✱Horário: 16h às 23h / Local: Estacionamento ao lado da Administração do Riacho Fundo

Bloco Bafo de Cana
✱Horário: 15h às 20h / Local: Estacionamento do Cave – Guará

Folia para quem é da melhor idade

Evento promove festa gratuita pensada para o público 60+

Divulgação



No dia 1º, o Divas Dance promove aula de samba

Neste final de semana tem Samba na Praça do Boulevard Shopping Brasília. A festa faz parte da programação especial de Carnaval, o Foliões do Boulevard, que promete reunir toda a família em um ambiente seguro, acessível e inclusivo.

O festejo começa com um grande convite aos foliões da melhor idade. No dia 1º de março, das 10h às 12h, o Divas Dance promove uma aula de samba no pé com a equipe de professoras e alunas. Há quase 15 anos, o projeto leva alegria, autoestima e claro, muita dança para a terceira idade.

Já no dia 2, de 17h às 19h, será o momento para reviver um tradicional baile carnavalesco com a presença da velha guarda e bateria da Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (ARUC), que entra em cena com 10 ritmistas, mestre de bateria, cantor, cavaquinista, duas passistas e um casal.

"Nosso objetivo é transformar o Carnaval em uma festa democrática, onde ninguém fica de fora. O Foliões do Boulevard traz alegria e boas lembranças com atividades para todos os públicos, como Foliões 60+, que foi sucesso absoluto ano passado e retorna garantindo diversão. Promovemos uma festa inclusiva, com conforto, segurança e comodidade", conta Luana Citon, gerente de marketing.

4 de março

Bloco Calango Alternativo
✱Horário: 14h às 22h / Local: QR 302, Conj. 8, Samambaia Sul (Estacionamento da Castelo Forte)

8 de março

Vai com as Profanas
✱Horário: 14h às 21h / Local: Galeria dos Estados, Plano Piloto

Bloco Vamos Fullgil
✱ Horário: 15h às 22h / Local: Estacionamento do Eixo Cultural Ibero-Americano, Plano Piloto

9 de março

Bloco Manga Botânica
✱Horário: 14h às 22h / Local: Parque Vivencial do Jardim Botânico

Bloco CarnaFamília
✱Horário: 14h à 0h / Local: Vanguarda Shows e Eventos – Rua 1, Quadra 7, Lote 20, Residencial do Bosque, na região de São Sebastião

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 28 de Fevereiro a terça-feira, 4 de Março de 2025 - Ano CXXIII - N° 24.718

2° CADERNO

EDIÇÃO ESPECIAL DE CARNAVAL



Viradouro no desfile que lhe garantiu o título do Carnaval 2024 com o enredo 'Arroboboi, Dangbé', que celebra a força das mulheres negras

Vem aí o maior espetáculo da Terra

De domingo a terça as 12 escolas do Grupo Especial se apresentam no Sambóromo